

NO ÂMBITO DO IMAGINÁRIO

Fabiola Menezes de Araújo

confabulando@yahoo.com.br

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4269097U0>

IMAGEM OU REPRESENTAÇÃO?

AS PERSPECTIVAS DE HEIDEGGER E DE LACAN

Nosso artigo tem como fio condutor a questão da imaginação. Concebida na psicanálise lacaniana a partir do par significante-significado, junto à diferenciação entre representação-palavra e representação-coisa, como em Freud, a imaginação é tida atualmente como um dos pilares da psicanálise. Apresentamo-la na seguinte proposição: a partir da premissa que afirma que a relação entre uma palavra que nomeia, a representação-palavra, e um algo nomeado, a representação-coisa, não constitui-se de forma necessária, sendo cada relação, uma singularmente nascida junto à experiência do falante, chegamos à concepção que afirma poder se dar, na linguagem, uma dissociação no eixo das representações, isto é, que afirma existir uma falibilidade da parte do falante em dizer exatamente o que gostaria de dizer. A palavra maçã, por exemplo, poderia vir a nomear e a representar tanto a tentação do pecado original, quanto uma fruta que se come. Ambas as representações sendo passíveis de serem compreendidas, ou não, a partir de quem ouve. Essa compreensão não é fruto do acaso mas constitui-se a partir de uma história em que apresenta-se essa possibilidade – não só de podermos compreender o termo “representação” como relacionado a uma imagem particular, como a possibilidade de compreendermos que essa representação pode dissociar-se da “coisa representada”.

Heidegger, por sua vez, sobretudo nos “Seminários de Zollikon”, também compreende a atividade da imaginação como indissociável da linguagem, seja ela cotidiana ou existencial. No entanto, na linguagem, se dá uma relação essencial entre cada imagem a ser compreendida e cada compreensão, afinada junto aos outros seres-aí, – podemos afirmar, inclusive, que, na obra do filósofo, o algo compreendido e cada compreensão são sempre um e o mesmo, posto que advindos de uma mesma abertura. Assim, quando falamos “maçã”, “uma maçã” será sempre compreendida enquanto tal por aqueles que são abertos para o acontecimento do Ser.

Cada uma dessas duas perspectivas – a heideggeriana e a da psicanálise -- obedece a um percurso teórico que queremos abordar brevemente em nosso artigo. Cabe ressaltarmos que se, por um lado, elas se constituem de modo antagônico, tanto com relação às premissas que cada uma considera para poder se desenvolver enquanto projeto filosófico ou terapêutico, quanto em seus desdobramentos, por outro lado, ambas trazem contribuições inegáveis seja para o campo da filosofia, seja para o campo do tratamento de doenças psíquicas.

“Imagem” vem do latim *imaginem*, acusativo de *imago*, e quer dizer, no contexto da Idade Média e do Renascimento, “reprodução invertida que uma superfície polida dá a um objeto que nela é refletida.” Podemos dizer, nesse sentido, que a palavra imagem, em sua origem histórica, encontra-se indissociável da reprodução que acontece por ocasião do uso do espelho. Nos *Seminários, livro I*, Lacan aborda esse conceito juntamente à questão da imagem ótica. Ali se apresenta, por ocasião da ilustração do esquema chamado de **estádio do espelho**, a compreensão de que o olho guarda uma relação de semelhança com a atividade do espelho. Cito:

As imagens óticas apresentam diversidades singulares – algumas são puramente subjetivas, são aquelas que eu chamo de virtuais, enquanto outras são reais, a saber, por certos lados, se comportam como objetos e podem ser percebidas enquanto tais. Mais singular ainda – a estes objetos que são as imagens reais, nós podemos dar imagens virtuais. Nesta ocasião, o objeto que é a imagem real apreende justamente o nome de objeto virtual. Na verdade, uma coisa ainda mais surpreendente é que a ótica repousa toda inteira sobre uma teoria matemática sem a qual é impossível estruturá-la. Para que se dê uma ótica, é necessário que, a um ponto dado no espaço real, um ponto, e apenas um, corresponda em um outro espaço, que é o espaço imaginário. É a hipótese estrutural fundamental.(LACAN. 1953, pág. 90)

A hipótese estrutural fundamental é o esquema do estádio do espelho a partir do qual o olho humano apreende imagens. Lacan, distingue, como podemos ver, neste Seminário, imagens virtuais, somente subjetivas, das reais, que são as que guardam referência direta entre a atividade do espaço imaginário e os pontos situados no que ele chama, nesta ocasião, de espaço real. Esses pontos de similitude entre os espaço imaginário e o real, por sua vez, são ajustados a partir da construção do eu, ou *moi*, que tem lugar nos momentos em que a criança começa a apreender a si mesma como dotada

da faculdade de se situar espacialmente, atividade que começaria em torno dos 6 meses de idade, mas que também sempre se repetiria por ocasião da necessidade de nós nos situarmos espacialmente. Em outras palavras, Lacan descreve o funcionamento da imaginação como indissociável da faculdade de olharmos e de nos apreendermos, a nós, e ao espaço do entorno em que nos situamos. Interessante é frisar que essa atividade, para o psicanalista, pode se dar de maneira puramente subjetiva, originada somente a partir de criações fatasmáticas do Sujeito, por exemplo. Neste caso, podemos situar a origem das representações no âmbito restrito à palavra. É por ocasião da fala livre que representações virtuais têm oportunidade de se presentificar e de, ao serem concatenadas, darem oportunidade ao Sujeito em análise de situar-se enquanto um eu que se reconhece enquanto tal. A ideia é que, ao situar-se com mais clareza no âmbito linguístico, o sujeito terá a oportunidade de trabalhar a sua situação, seja no seu universo fantasmático particular, seja no entorno.

Na analítica existencial heideggeriana, tem lugar um outro modo de se trabalhar a questão da imaginação, a saber, distinguindo-a do conceito de representação. Na perspectiva do filósofo, esse último conceito é debitário da metafísica moderna que, situando-se a partir da cisão entre sujeito e objeto, desconsidera a **abertura originária** desde a qual toda e qualquer distinção torna-se-á possível. Nesta medida, a imaginação não tem origem na capacidade representativa de um sujeito, mas na abertura desde a qual nos orientamos, primeiramente e antes de tudo. A capacidade de imaginar, nesta medida, nos situa em um espaço previamente descoberto, ou simplesmente supõe esse espaço. Cito:

Suponhamos que o tornar presente da Estação Central de Zurique tenha o caráter de que devêssemos pensar que estamos lá, junto à estação. Então, neste tornar presente não estaríamos orientados para a estação, mas para o fato de estarmos lá. De acordo com isso, tornaríamos presente nosso simples estar presente junto à estação, não a estação mesma. (...) O que agora ainda chamamos de tornar presente é, na verdade, um se imaginar [Sich-einbilden]. Ele é uma maneira de estar junto de entes, estar junto... este que nem precisa da adição 'só em pensamento'. (HEIDEGGER, 1965, pág. 105)

A analítica heideggeriana compreende, pois, que a atividade da imaginação supõem um determinado modo de ser junto aos outros entes-intramundanos. Originada

previamente na experiência de abertura tornada possível em meio à linguagem, a atividade do imaginar supõem essa experiência prévia, de ser em meio ao mundo, e se dá tal qual esta experiência, estando no âmbito da mera suposição ou não. Para que a suposição tenha lugar, conquanto, ainda nos orientamos tal qual na experiência vivenciada. Em outras palavras, o ente que nós mesmos somos sempre se orienta na experiência de abertura em meio à linguagem, seja imaginando seja vivenciando o espaço pela primeira vez. O que distingue as duas modalidades é apenas o modo como nos orientamos junto ao corpo.

Finalmente, podemos destacar as diferenças teóricas que marcam os dois projetos no que tange à questão da imaginação. Enquanto o primeiro se atém a esse fenômeno a partir da experiência particular, junto à capacidade de cada um de representar, significar e de se localizar enquanto sujeito em meio à linguagem, o segundo compreende a imaginação enquanto uma experiência orientada a partir de um certo modo de nos situarmos junto aos outros entes; supondo, para tanto, a abertura prévia do ente junto à linguagem.

Talvez seja interessante situarmos, para concluir, algumas semelhanças que acomentem os dois projetos teóricos. No que tange à abordagem histórica de que ambos se valem – seja buscando compreender o modo como a história “se historiciza”, para usar a linguagem heideggeriana, seja para enxergar, em cada história particular, vestígios dos significantes que nos situam, a todos, para usar a linguagem lacaniana -- observamos que os dois projetos surgem em meio a uma situação histórica particular, sendo importante nos colocarmos na perspectiva de que cada um, a seu modo, trava um aguerrido debate crítico com a situação política que vivencia. Simbolizada sobretudo pela ciência, os seus dizeres e fazeres, essa época histórica, o século XX, talvez possa ser intitulada, para fins conceituais, de século cientista, seja pelas peripécias tecnológicas que a humanidade desenvolveu, seja pelo alcance mundial dessas peripécias. Com isso queremos situar uma época em que vigora de modo *sine qua non* a compreensão de que a prática e o exercício do método científico é útil e necessário. Isso na medida em que esse método, ancorado no senso-comum ou nas instituições que se pautam pelo método científico, seria capaz de trazer clareza e precisão ao saber. Nos dizeres premonitórios de Nietzsche, “não é a vitória da *ciência* que caracteriza o século XIX (e o seguinte, poderíamos acrescentar), mas, sim, a vitória do *método* sobre a ciência.” (*Vontade de*

Poder, n. 466, 1888). Os dois autores por nós abordados, por sua vez, foram dois dos que formaram a linha de frente no combate aos problemas, sobretudo epistemológicos, que essa compreensão, do método como capaz trazer conhecimento, acarreta para desenvolvimento da própria ciência enquanto um saber que se pretende isento ou imparcial. Sobretudo por ficar à reboque dos grandes conglomerados industriais -- dos laboratórios, das telecomunicações, dos transportes, e etc -- a ciência perde mesmo a pretensão de caráter isento e imparcial, para, associada à técnica moderna, alcançar cada vez mais a superfície terrestre e todo o seu entorno. Indissociável é o projeto teórico de cada um dos dois autores tratados à crítica e ao combate dos pressupostos que acarretam no desdobrar desse nosso projeto histórico. Talvez de um modo um tanto quixotesco, mas sem dúvida abrindo um espaço onde é possível o pensamento e a descoberta de vias para o tratamento dos sofrimentos humanos, esses teóricos conquistaram o direito de viver seguindo uma ética e uma compreensão próprias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUFRET, Jean. *Dialogue avec Heidegger. Le chemin de Heidegger*. Paris: Les Editions de Minuit, 1985.

_____. *Dialogue avec Heidegger. Philosophie Grecque*. Paris: Les Editions de Minuit, 1973.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7ª-ed.. SP: Brasiliense, 1994.

BIRMAN, Joel. *Ensaio de Teoria Psicanalítica*. RJ: Jorge-Zahar, 1993.

_____. *Estilo e Modernidade em Psicanálise. Ensaio*. SP: Editora 34, 1997.

_____. *Freud e a Psicanálise*. RJ: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. *As Pulsões e seus Destinos. Do corporal ao psíquico*. RJ: Civilização Brasileira, 2009.

CASANOVA, Marco Antônio. *Nada a Caminho. Impessoalidade, niilismo e técnica na obra de Martin Heidegger*. RJ: Forense Universitária, 2006.

FIGAL, Günter. *Martin Heidegger: Fenomenologia da Liberdade*. Trad. Marco Antônio Casanova. RJ: Forense Universitária, 2005.

FOGEL, Gilvan. *Martin Heidegger, et coetera e a Questão da Técnica*. in: *O que nos faz pensar, homenagem a Martin Heidegger*, Rio de Janeiro, cadernos de filosofia da Puc-Rio, 1996, p. i. 37 p.f. 67

HAAR, Michel. *Heidegger et l'essence de l'homme*. Grenoble: Éditions Jérôme Millon, 2002.

HABERMAS, Jürgen. *La technique et la science comme <<idéologie>>*. trad. Jean-René Ladmira. Mesnil-sur-l'Estrée, France: Gallimard, 1973.

HEIDEGGER, Martin. *Arte y Poesía*. Trad. Samuel Ramos. Ed. FCE. 2ª ed. México: 2006.

_____. *Bemerkungen zu Kunst – Plastik – Raum*. Herausgegeben von Hermann Heidegger. Erker- Verlag Sankt Gallen, 1969.

_____. *A Caminho da Linguagem*. trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. *Ensaio e Conferências*. trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Cavalcante Schuback. RJ: Vozes, 2001.

_____. *Filosofia e Cibernetica*. trad. Adriano Fabris. Pisa: Edizioni ETS, 1988.

_____. *A Origem da Obra de Arte*. trad. Maria da Conceição da Costa. RJ: Edições 70, 1977.

_____. *Ontologie. Hermeneutik der Faktizität*. trad. para o espanhol com alterações nossas para o português de Manuel Jiménez Redondo, In: [www. heideggeriana.com.br](http://www.heideggeriana.com.br) (site: Heidegger em castellano)

_____. *Qu' appelle-t-on Penser?* trad. Paris: Presses Universitaires de France, 1967.

_____. *Sein und Zeit*. Tübingen: Niemeyer, 1976. Ser e Tempo. Parte I e II. trad. Márcia Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1986

_____. *Seminários de Zollikon*. Protocolos, Diálogos, Cartas. Trad. Gabriella Arnhold e Maria de Fátima de Almeida Prado. Segunda edição. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. *Sobre a Essência da Verdade*. trad. Carlos Morujão. Porto: Ed. Porto, 1995.

LACAN, Jacques. *Écrits*. Paris: Éditions du Seuil, 1966.

_____. *Le Séminaire. Livre I. Les écrits techniques de Freud*. Paris: Éditions du Seuil, 1975.

_____. *Le Séminaire. Livre II. Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*. Paris: Éditions Seuil, 1978.

PERELSON, Simone. O trágico contemporâneo: uma reflexão sobre o sujeito, a ética e o final da análise à luz de O refém, de Paul Claudel. In: *Psicanalisar hoje*.

ZARADER, Marlène. *Heidegger e as Palavras de Origem*. trad. João Duarte. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

SOBRE O AUTOR

Fabíola Menezes de Araújo, possui graduação em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2005) e mestrado em Filosofia pela mesma Universidade (2007). Foi professora de filosofia do Colégio Pedro II. Atualmente é doutoranda em Psicanálise pela UFRJ, com bolsa por excelência acadêmica. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia Contemporânea.